



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

25 DE MAIO DE 1963
ANO XX — N.º 501 — Preço 1800

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAGO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALEZ DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Nota da quinzena

Aquele casal da última «Nota da Quinzena» voltou a alegria de viver.

Sabe que não está só. Que outros decidiram tomar à sua conta uma parte da sua Cruz.

Que lindo o vosso gesto! Quem vos levou a dar-lhe a mão? Foi a força de um cristianismo vivido a sério. Procedestes assim porque acreditais na doutrina maravilhosa do Corpo Místico de Cristo. Aquela doutrina única, capaz de destruir a barreira criada pelo egoísmo fe-

roz. Aquela doutrina que nos faz sair de nós mesmos e rasga horizontes a abranger todos os homens. Aquela doutrina que nos faz ver em cada ser humano um irmão nosso.

Acreditais e aceitais as consequências desta crença.

Não há problema humano que resista à força de um cristianismo vivo, operante.

E tão convencidos estais de que é esse o caminho a seguir que a vossa consciência não ficaria em paz se procedêsseis de outro modo. Não é assim? Olhai o vosso testemunho: «Tendo lido a sua Nota da Quinzena no «Gaiato» de 13 de Abril sobre aquele irmão de 28 anos que por doença se encontra impossibilitado de trabalhar e estando eu, graças a Deus, pelo meu trabalho, em condições de lhe poder enviar alguma coisa que o possa aliviar materialmente sinto-me em absoluta obrigação de o fazer.

Por tal lhe junto um vale do correio que penso possa ajudar o nosso irmão no problema da renda de casa em atraso.

Gostaria de, enquanto pudesse e necessário fosse, me encarregar da renda da casa desta família.

Depois desta notícia que vos enche de alegria, esta Nota volta a levar-vos a inquietação.

É outro casal. Há cerca de 10 anos que estão casados. Seis filhos até este momento foram o prémio da sua fidelidade ao Senhor. Dois já morreram.

A saúde que Deus lhe deu; o amor ao trabalho e dois braços fortes são o único capital que sustentam aquele lar.

Ele é jornalista: não tem trabalho certo. Quando chove fica em casa.

E num inverno rigoroso como o deste ano o que se terá passado naquele lar? E em tantos outros?

Há dias, mão amiga trouxe-nos a mulher deste casal. A vergonha, como se alguma culpa tivesse da sua situação, não a dei-

xava falar. Era a primeira vez que vinha estender a mão.

Não podia mais. Semanas a fio sofreram a dois escondidos em sua casa, sem ninguém dar por isso.

O mais pequenino, que anda pelos três anos, sofre de grande doença que o impede de se mexer. Não veio pedir para ela, mas que a ajudássemos a salvar o filho.

Ouvimos a sua história. Queríamos ver o pai. Porque não apareceu mais cedo? Porque não veio o pai? «Ele é um envergonhado, nunca pediu e não quis vir».

Que coisa terrível os Pobres julgarem-se sós e perderem a confiança nos homens!

Desta vez voltaram os dois mais o filho doente. Vinham de cabeça erguida. A confiança en-

Cont. na 4.ª pág.



Auto- Construção

N

NINGUÉM terá caridade se não entender esta palavra — Pai. A paternidade, física ou espiritual, será a grande ambição e a maior glória do homem. Que deseja um pai? Que os seus filhos lhe sejam superiores. Que sejam mais ricos. Que sejam

mais sabedores. Que sejam melhores. Que consigam ir mais além. Aqui está a caridade que ninguém possuirá a não ser que seja um autêntico pai. Falou-se e fala-se contra a sociologia paternalista. Estamos a ouvir um ataque cerrado contra essa sociologia num congresso dos muitos que se têm realizado em Portugal. Se fosse hoje perguntarmos que se entende por paternalismo. Nem todos os pais sufocam os filhos; nem todos os pais são tiranos; nem todos passam a vida a cortar as asas aos que mais amam. Não. Pois não é verdade que eles desejam ver os seus filhos casados, arrumados? Ainda, sobretudo nas nossas aldeias e em tempos que não vão distantes, a maior parte dos pais fazia todos os esforços para que os seus filhos, ao casarem-se, ficassem a viver em casa própria. Hoje o problema é muito mais difícil, porque as casas custam muitíssimo mais dinheiro. Há mais moeda corrente, mas há, por sua vez, muito mais despesas obrigatórias. Procuremos observar. Há cinquenta anos o dinheiro era, quase, exclusivamente, dedicado à alimentação, ao vestuário e à casa. E hoje? É o automóvel, a motorizada, o rádio, a televisão, a excursão, o livro e a revista, o cinema, o cigarro, a cerveja, a praia, o futebol. Não somos, não podemos ser contra estas coisas, mas não queríamos que elas — na ambição de tantos e tantas — estivessem acima da alimentação e da casa. Nesta verdadeira inversão de valores a origem de muitos dramas na hora que passa. Auto-Construção quer chamar a nossa juventude operária, e mesmo não operária, a dar à casa, à vivenda própria, aquele lugar primacial a que

Continua na 3.ª PAGINA

Queima das fitas

Como é tradição, o «Dia de Beneficência» da Queima das Fitas dos Estudantes Universitários do Porto reverte a favor da nossa Casa.

Foi no passado dia 9. Dezenas de estudantes, acompanhados dos nossos rapazes percorreram a cidade do Porto, de lés a lés. Foram tão bem recebidos! Chegaram tão contentes ao Espelho da Moda! Saboreámos com satisfação a alegria dos estudantes de mistura com as caras alegres dos nossos pequenos.

Foram cerca de cinquenta. Um dia de festa para todos que começou na véspera e se prolongou pela noite adiante onde quase se não dormiu à espera da hora de se levantarem para a partida.

Foi a maior parte dos nossos «batatinhas» — os do TWIST — que, segundo informações se portaram lindamente, sem necessidade sequer de andarem ao colo, pelas ruas da cidade. «Eu não andei ao colo», dizia o Celso o mais

Cont. na 2.ª pág.

Filhos de pai incógnito

Noutro dia, alguém me escreve a perguntar porque é que se julga conforme o que as testemunhas dizem, e porque é que os próprios responsáveis pela lei não vão saber onde está a verdade. Eu não respondi. Tenho andado «pensativo» no caso, e vejo, que o factor principal é esse: Julgar com sabedoria no AMOR. Eis o que falta para que a lei seja LEI. Julgar os factos segundo o que o homem tem de divino, e pôr de parte o que nele há de material.

Nas prisões de Lisboa, quando andava por lá, ouvi esperanças nessa materialidade: «O meu advogado tem muitas questões: o pior, é que ele leva-me muito dinheiro pra me defender».

E isto era dito por delinquentes que entravam e saíam, não sei quantas vezes! Isto diz, que a defesa, é igual à ganancia duns e à liberdade incompreensível doutros.

Isto é contra a LEI — agir contra Ela, é grave, mas julgar é pior. Nós — todos nós — somos responsáveis por esta contradição. Onde quer que estejamos, temos diante de nós a Justiça. Ela pode ser lei, por egoísmo nosso ou prazer; pode ser LEI, por sabedoria que nos é dada por «acréscimo», por ciência que provém do AMOR.

Nós, por provas mais que concretas, ainda que abstratas para quem não vê a LEI, temos experimentado a dor de bocados amargos.

Uns, porque defendem a lei pequenina, agarrados ao prazer do «eu»; outros, porque cientes do mal dessa lei pequena e provocadora do mal, vão calando o que no seu interior lhes fala de razão, de LEI.

Eu vou até Coimbra, vou até às Universidades, onde se estudam leis.

Vou, e digo do que as leis têm de mal se nelas não for vista a LEI. Teses e mais teses não são mais do que base para se adquirir um diploma.

A Humanidade não precisa de teses diplomáticas; tem sede de LEI, de AMOR, de JUSTIÇA.

Ernesto Pinto

BELEM

Já cá chegaram vários protestos contra a demorada ausência de «Belém» nas colunas do «Gaiato».

A nossa mudança definitiva para a Casa Nova teve lugar na semana da Páscoa e os muitos afazeres não nos deixaram tempo para pensar noutra coisa. Esquecemos por completo a obrigação e também a necessidade de dar notícias.

Conforme aqui já se disse, por regra, quando falha «Belém», no jornal, é quando das ditas mais fresquinhas temos para dar.

Desta vez também assim foi, apesar duma ajuda providencial que nos chegou na altura da mudança.

Mas há ainda, e bem a meu pesar pessoas com mais razão de queixa e às quais peço me desculpem. São as que continuam à espera das respostas a cartas suas.

A verdade é que, com notícias ou sem elas, precisamos muito de que os nossos Amigos e Benfeitores nos não esqueçam e nos vão ajudando sempre, espiritual e materialmente. Nós também nunca os esquecemos nas nossas orações e até durante a labuta de cada dia. Os que nos vão visitando fazem-nos recordar os outros.

A obra deu agora um passo de gigante! Por mais que nos limitássemos, as pequenas obras de adaptação da Casa à grande família que nós somos e as despesas destinadas a promover o bom rendimento da quinta levaram-nos todas as esmolas recebidas, desde Março até ao presente.

Entretanto, é preciso ir juntando a quantia necessária ao pagamento duma segunda prestação, ainda este ano. As esmolas dos particulares, não é preciso ir por elas. Vêm-nos ter a casa. O mesmo não acontece com outras ajudas. É preciso ir, pedir, dar muitas e muitas voltas.

Ora a vida em Belém por falta de quem se lhe dedique inteiramente, não está ainda organizada por forma a poder alguém ausentar-se sem graves riscos. Aqui a nossa grande dificuldade.

Mas Deus está presente às necessidades da Obra, como às de todos os seus filhos.

Saibamos procurar primeiro o reino de Deus e a sua Justiça... E poderemos viver na pacificadora certeza de que tudo o mais nos será dado por acréscimo.

Nota de presenças. O senhor

de Lisboa, que paga o sustento duma Belenita, já enviou a pensão correspondente ao 2.º trimestre de 63 mais 200\$00 para uma toalha e ainda 100 «para aplicar como entender».

Segue aquele outro senhor anónimo de Lisboa, que começou com uma quota mensal de 20\$00 e que vai sempre acrescentando 10% de todos os seus aumentos e trabalhos extraordinários. Em consequência já chegou aos 80\$00 mensais em Março e aos 90\$00 em Abril, com esperança de novos trabalhos e novos aumentos. É que Deus nunca se deixa vencer em generosidade...

Maria José, de Coimbra, envia 100\$00 e pede orações. Metade de uma assinante de Lisboa. Outro tanto de Maria Gabriela, de Nisa, e uma encomenda.

O assinante n.º 33503 enviou 650\$00 em vale anónimo. De Paço de Sousa chegou vale de 1350\$ e depois outro de 1000\$. Gina Maria enviou vales de 50 mais 50.

Já recebemos a renda da casa de Março e Abril e Maio. Recebemos as quotas do Pai da Gracindinha até Maio e também as de «Farmácia Confiança». Das Três Irmãs de Viseu, 100\$00.

A 5 de Março chegou vale de 1000\$00, de cujo remetente nos esquecemos de tomar nota. Beatriz enviou 50\$00, pedindo orações pelos seus. Vale de 100\$00, de Aveiro. Quotas de Março, Abril e Maio, do Casal Amigo de Braga. Raquel com as 9.ª e 10.ª prestações de 100 para a Casa Nova. Cheque de 200\$00 do Porto. Entregues em nossa casa 100.

Uma doente do Caramulo com 20\$00 e «Paz e alegria para todos nós». 100\$00 de S. João da Madeira e 20\$00 duma assinante de Viana do Castelo.

Do Porto 1.500\$00 em vale «em acção de graças por um grande favor recebido de Deus».

Senhor da Foz do Douro enviou a sua caminha de criança.

«Vai devagar essa conta. Vamos a ver se todos damos um empurrão. Aqui vai o meu», — cheque de 200\$00. Estas palavras vêm de alguém que muitos destes empurrões tem dado. Depois deste já veio outro.

«Que o Senhor suscite mais vocações, para que «Belém» possa alargar a sua acção, tão necessária por esse Portugal fora — será a minha principal prece, na Santa Missa do dia

de S. José. Um José» — 500\$. Deus o tenha ouvido.

«Máquinas Oliva Comercial L.da», associou «Belém» à inauguração das suas novas instalações em Viseu, entregando esmola de 1000\$00. Interessante frisar que foi a primeira recebida na nossa quinta e que veio a constituir o salário dos trabalhadores que se entregaram à plantação do novo pomar.

Do Casal R. D. 50\$00 para as amêndoas. 200\$00 dum António das Minas da Panasqueira. Outro tanto de Hermínia de Coimbra. Metade de Beatriz de Coimbra e a quarta parte duma esposa, a pedir pela conversão total do marido.

Vale n.º 99456, de 1000\$ do Porto. 20\$00 de Maria Manuela e 500\$ por intermédio de Maria Helena. Visita de Castro Daire entregou 100\$. De quotas de Viseu recebemos 180\$00.

Senhor Engenheiro visitou-nos com a Esposa e filhinhos e entregou 500\$00.

Mais 50\$00 da Avó de Moscavide. Duas Luíças, cada qual com nota de 20\$00 e mais duas de 20\$00 de Maria Alice. Outra de 20\$ de Maria Amélia de Carcavelos. 150\$00 do assinante n.º 11.119. Vale de 100\$00 de Coimbra.

«Um Irmão em Cristo» completou a importância de 1000\$00 com o envio das cinco últimas prestações.

Lili, uma professora primária, voltou com 50\$00 e diz: «Já é o quarto mês que os 50 vão ao encontro das vossas necessidades. É pouco, mas se todas as colegas contribuissem dava um grande avanço à Casa Nova. Todas as Professoras que possam dêem alguma coisa... serão migalhas úteis e também para a eternidade».

Ora vamos a ver se a voz desta colega fará chegar a hora das professoras que, valha a verdade, sempre têm tido larga representação entre os benfeitores de Belém. É que, em regra, quem mais dá não é quem mais tem, mas quem mais sente. As Professoras primárias vivem em contacto com as necessidades dos Pobres e por isso sabem quanto valem obras como Belém. Se elas, que estão espalhadas por esse Portugal fora e em contacto com todos os meios, metessem ombros a uma campanha a favor da nossa Casa Nova, quantos frutos não adviriam do seu esforço. Vamos experimentar? Quantas levantarão o dedo?

A todos um bem haja da

Inês

Casa das Belenitas — Vilde-
moinhos — Viseu

Visado pela
Comissão de Censura

Setúbal

ROGÉRITO encheu-me, ontem a alma. Ainda esta manhã me levantei com ela em festa, como se tivesse dormido no Céu. O sol parecia-me brilhar com mais doçura e a Casa que às vezes me sufoca com seus problemas, acolhia-me suavemente toda ela impregnada de uma beleza rara.

Domingo à tardinha.

Depois do jantar, na rua em frente ao refeitório, Pirolito saltitando no pé direito, com o esquerdo no ar, apoiava-se no Rogérito, confidenciando-lhe as suas dores e recebendo dele o carinho compensador de toda a confiança comunicada.

Aproximo-me do par, e, de cócoras em frente deles (costumo tomar esta posição para se sentirem iguais a mim) indago a causa daquele colóquio amoroso e do choramingar do Pirolito. Rogérito olha-me com olhar fundo e triste que a caverna familiar lhe criou e tartamudeia-me: — ca... ca... Sepacili (eu)... quéu Pirolito que tem na bolha...

Observo o pé doente. Apalpo a bolha. O protector continua: ca... ca... Sepacili doe-lhe muito e o Pi... pirolito está farto de chorar...

— Andem lá pró consultório que já os vou curar.

Eu gosto tanto de lhes curar as feridas... e sofro porque o cansaço não me deixa, tantas vezes, satisfazer este gosto e saborear a alegria de os ter comigo.

Rouxinol — Chefe do Lar queria pôr-me ao corrente de preocupações graves que o dominam e sobe comigo as escadas para o escritório. Os doentes esqueceram. Outros doentes, doentes de alma, aprisionam, agora, avaramente, a atenção de ambos.

O tempo passa imperceptivelmente e, de novo, à porta do escritório, o Rogérito bate de mansinho e diz da sua insistência: ca... ca... Sepacili qué que já estamos fartos de esperar e cu... eu Pirolito já está quase a dormir.

Enquanto trato as feridas, o Rogérito vai consolando o seu amiguinho: — não chores Pi... Pirolito... cu... cu Sepacili é nosso amigo.

O ser amigo deles é tudo para eles e é o máximo que me exigem. Têm sede de amor... Uma ânsia infinita que jamais alguém tentou saciar!... São tudo uns para os outros!... Ai de nós e deles se alguma vez se convencessem de que não está bem viva, a chama que por cada um deles arde no nosso coração.

Rogérito tem sete anos. É filho de prostituta. A mãe também já o era. A avó não sei...

Os filhos das prostitutas têm tanta beleza original como os de casto matrimónio!... São filhos de Deus!... Têm sede de amor!...

Padre Acílio

Um Alfaiate!

Já tivemos três. Todos alfaiates. Nenhum era homem. Precisamos de um homem alfaiate. Que tome conta da nossa oficina e de cinco rapazes!

Queima das Fitas

Cont. da 1.ª pág.

pequenino. Pai Américo delirava ao vê-los atravessar as ruas, por vezes desordenadamente.

O Café Imperial, ali na Praça da Liberdade, abriu-lhes as portas para tomarem o café. A simpatia do costume! E assim começou a invasão da cidade que é uma fonte inesgotável de carinho e de interesse por tudo o que é da Obra da Rua.

Ele é o Coliseu que se enche duas vezes até não poder levar mais. São os peditórios nas Igrejas. É a Queima das Fitas. E não se notam sinais de cansaço.

Pai Américo tinha razão ao falar da gente da nossa cidade do Porto. Temos que agradecer. Não podemos ficar insensíveis. A recompensa imediata que podemos dar pelo muito que nos quereis é mostrar-vos esses rapazes que só Deus sabe donde vieram, e vê-los assim a subir para a vida.

P.e Manuel António

A nova impressora automática devora trabalho!

Se deseja mandar executar serviços tipográficos aproveite a

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

«O Gaiato»
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



Pai Américo e o Manel, naquele tempo.

O casamento

do Manuel dos Santos

O

Manel dos Santos — não o toureiro! — é o decano de todos os gaiatos que estão na Obra. Tem tantos anos de casa quantos a Obra de existência e ele apenas mais três de vida do que a Obra em que renasceu.

Ele próprio já contou a sua história nas colunas do Famoso. História triste, que teve um remate feliz. Não vale a pena evocá-la.

Entrou na Casa de Miranda meses após a fundação. Era o mais pequenino. Balbuciava. Do **Senhor Padre Améri-**

co que ouvia aos mais velhos, suprimia o **Senhor**, por simplicidade de criança e corrompia o **Padre Américo** por insuficiência fonética. E eis, como do «Pá... Meco» do Manel saiu o **Pai Américo** que havia de operar a substituição, profunda de sentido, do **Senhor Padre** por **Pai**.

Como o Manel era o mais pequenino, já se vê que era também o menino bonito da senhora, ao tempo a D. Sara, sobrinha de Pai Américo. Daí o seu sobrenome caseiro: **Coco**. E o Manel dos Santos, apesar dos seus 26 anos, da sua posição na Casa,



O Manuel dos Santos e a Maria da Conceição.

senhor: sorriu do princípio ao fim. E pelo mesmo tom afinou ela, a Maria da Conceição. Bom sinal! Tanto mais que eu na homilia (Era a antiga festa do Acha-

CHALES DE ORDINS

Bons amigos, hoje quero mostrar uma das lindas carpetes que se teem em Ordins. Por vezes têm mostrado interesse em conhecer os trabalhos das tecedeiras. Os chales e as camisolas já são por demais conhecidos. Já aqueceram muitos corpos, e, porque já entraram em muitos lares, já viram muitas necessidades, abafaram muitos queixumes, conheceram muita resignação e amor ao sofrimento. deram alguma alegria e muito conforto.

As carpetes não levarão o mesmo rumo. Entrarão em casa de corações generosos e lembrarão a sua origem: um cantinho onde o trabalho educa e a oração agradece.

Que o trabalho educa, não é novidade. Foram as mãos dum repariga de catorze anos que urdiram este tapete, cujo trabalho e perfeição não podemos aqui examinar.

É outra repariguita de doze anos quem tece os tapetes que exigem quase o mesmo trabalho. Como é alegre ver assim umas mãos tão jovens manejar tão bem o tear!

Mas para que elas traba-

Por
Padre Pires

lhem e se aperfeiçoem é necessária a vossa ajuda, é necessário que haja quem lhes dê



Aqui está um dos tapetes.

que fazer. Acreditem que vale a pena um sacrifício mesmo que seja grande, quando se vêem aparecer os frutos.

Nada há mais belo no mundo que o desabrochar das qualidades numa criança. É arre-

batador o quadro em que a infância abre as mãos para o futuro, sentindo-se amparada para o enfrentar com alegria e despreocupação. E, quem deve abrir caminho para que estes seres em botão possam seguir sem entraves? Quem há-de dar-lhes o amparo? Quem há-de levantar-lhes as cabeças? Quem há-de infundir-lhes confiança no olhar?

Os que abrirem o caminho até aqui. Nós, de qualquer jeito, na medida das nossas possibilidades. Com um sorriso de confiança, com uma palavra de estímulo, com um exemplo que arraste, com um esforço que acompanhe, com uma presença que anime, enfim, com uma ajuda que rasgue novos horizontes. Os olhos inquietos da criança não querem apenas quem a empurre, querem sobretudo quem lhe pegue pela mão para que a ampare e uns braços voltados para ela em chamamento.

Mas, neste cantinho, também pela oração se agradece. Os novos abrem as mãos à procura; os velhinhos erguem-nas em oferta e agradecimento. Uma senhora de Lisboa, a «Senhora das Camisolas», além de outras que pediu para Lisboa, ofereceu oito para as crianças da escola e alguns agasalhos para os Pobres. Ofereceu também um ehale para uma doente do Calvário e uma camisola para uma Pobre da Conferência. Esta Pobre, vi-a assistir à Santa Missa, e dos seus lábios brotou esta prece: «Abençoi Senhor, os que nos fazem bem».

É na mão do Pobre que se faz o câmbio dos bens deste mundo por aqueles que a ferugem não consome nem o ladrão pode roubar.

Ó Senhor, no meio das crianças, junto dos doentes e amparando os velhinhos, a vida tem outra vida!

Auto - Construção

Cont. da 1.ª pág.

tem direito depois do pão de cada dia. Não desistimos. Não nos cansamos de pedir aos trabalhadores que façam as suas casas. Havemos de gastar parte da nossa vida a dar fé, alento e ajuda a esses trabalhadores que estejam dispostos a ter a sua própria família na sua própria vivenda. Diz-me o que ambicionas e eu dir-te-ei quem és. Não desejas, a valer, possuir uma casa tua? Os jovens de hoje têm de dar à própria vivenda aquele valor que lhe davam os seus avós.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



No primeiro plano a casa pró Manel.

A casa é nossa.

A implantação bicudista é dos técnicos municipais!!

cheia de responsabilidades, é suficientemente simples para não negar a palavra a quem o chama: O Manel Coco!

Porém, agora, não. O Manel casou. É chefe de família. Mais respeitinho!

A sua festa foi tão simples quanto ele. Eu esperei comoção, mas não

mento da Santa Cruz!) carreguei-lhes a cruz sem dó nem piedade, embora com muita verdade.

Casou no Tojal, onde ora serve e onde pela primeira vez se realizou o casamento de um dos nossos rapazes. Quem dera que fosse um princípio!

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

Vieram algumas roupas e calçado, mas os filhos da Pobre do Armando ainda não estão convenientemente calçados e vestidos, nem a renda da casa da Senhora Valentina ainda está toda paga, porque o que mandaste não chegou, porque temos uma despesa mensal para pagar a mercearia que os nossos rapazes todos os domingos no fim da nossa Missa vão levar, para que aos Pobres também não falte mercearia para seu governo e sustento.

Eu e mais o Jacinto e o Henrique demos uma volta pelo concelho de Paredes para arranjar mais subscritores. Arranjámos 5 e outros não quiseram ser — mas deram alguma coisa para ajuda num total de 260\$. Mas é que a volta torna-se muito longa; então os que vão cobrar a conta mensal pedem se os senhores por aí arranjassem uma bicicleta que não vos fizesse falta que a nós tanta falta nos faz. Não vos mago mais. Um muito obrigado dos nossos Pobres e de todos os que fazem parte desta Conferência.

Que Deus vos ajude e vos dê bom coração para ajudar aqueles que sofrem.

António Henriques

ro; João António Muralha, de Proença-a-Nova; M. H. L. O. da Beira Alta; M. Conceição de Carvalho Garcia, de Alpiarça; Acácio António, de Almada; Elisa Morais, da Marinha Grande.

Atenção Provincias Ultramarinas! A vossa presença vem-se acentuando cada vez mais. Nós estamos contentes. É preciso continuar.

Assinamos a presença da assinante 19.802, Florência Diniz Cruz, da Beira e Felicidade Pereira Coutinho, de Luanda. E agora esta carta:

«Minha Neta — Carla Denise ficou muito contente, porque o Avô na quinzena figurou no quadro d'honra, e pediu-me para enviar selos mas em seu nome, afim de ela também figurar no quadro d'honra.

Se os selos que vos envio, em seu nome, merecem a honra de tal distinção, sinceramente vos agradece o assinante 23274 de Lourenço Marques.

Merece sim senhor e sem favor. Bem hajam e até à próxima se Deus quiser.

Candido Pereira

SETUBAL

BILHAR. Eu já aqui falei disto, mas vai mais uma vez a «pedrinha». Nós temos um bilhar. O pano está muito estragado por via de ser tão velho.

A pontas dos tacos, por tanto uso que têm não dão vazão. Nós vamos bater às portas de quem nos pode remediar com um pano em segunda mão, por o novo ser muito caro para as nossas possibilidades. E olhem que a ociosidade dos nossos mais velhos, não pode pensar em dificuldades monetárias. Ficam todos avisados a nosos amigos, que eu vou tornar a bater à porta. O remédio dum mal, assim o exige.

LAR. Nós temos um lar na cidade. Rapazes que andam a estudar, é deles que esperamos a afirmação de Pai Américo. Por ora não, mas nós hemos ter necessidade de empregos, e quando formos por eles, esperamos que compreendas e ames.

VENDA DO FAMOSO. A hora que escrevo estou triste. A venda do «melhor do mundo» baixou muito. Não sei se culpa dos senhores ou não queremos, se azelhice e ronhos dos vendedores. Eles são todos novos. Por organização desta nossa «desorganização», foi preciso arranjar gente nova. Tu podes ajudar o nosso vendedor, a ser pioneiro dum bem que é de todos. Ama-o, e diz como deve fazer.

Ernesto Pinto

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Muitos são eles, vêm de todas as terras para nos verem aqui de pertinho, mais alegres, mais contentes, mais felizes.

Um destes dias de Primavera, quando a nossa Aldeia é um paraíso, vieram visitar-nos amigos tipógrafos e litógrafos do Porto. Visitaram a Casa de lés a lés. Tudo tão lindo — diziam eles — todos trabalham, todos aprendem, todos ensinam; todos hincam, todos sorriem, cheios de vida e alegria! Depois, quando entraram na Tipografia ficaram admirados por termos assim, tão bem montada, a nossa oficina. Todos eles, abeirando-se dos tipógrafos, deram lições e opiniões básicas para melhor podermos

completar, com a devida categoria, os trabalhos aqui por nós executados. A estes senhores, tão amáveis, os tipógrafos estão imensamente gratos.

Leitores amigos; venham por aí abaixo, num dia de semana, para nos poderem ver a trabalhar. Os nossos portões estão abertos e nós, e a nossa Aldeia, também estamos de coração aberto à vossa espera!

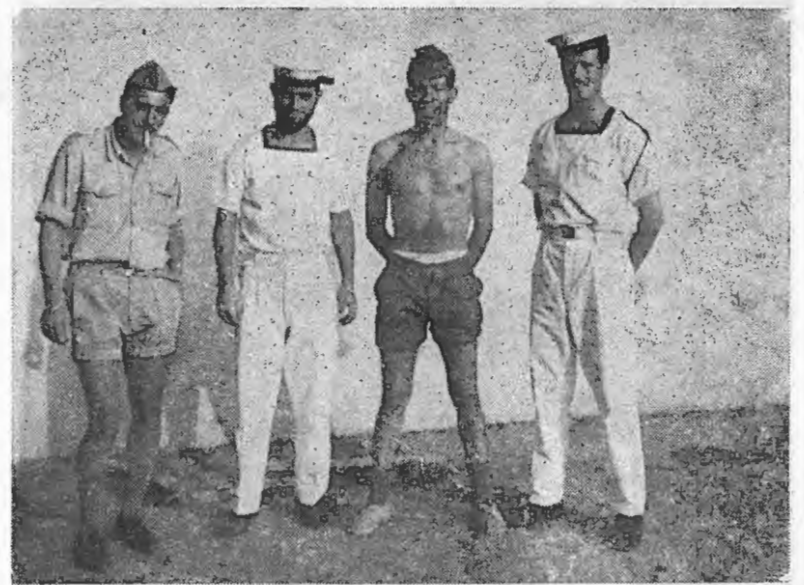
A propósito: se algum dos leitores precisar de encomendar algum trabalho tipográfico nós executá-lo-emos como manda a sapatilha. Esperamos trabalho na volta do correio! E muito obrigado.

PEDIDO — Torna-se aborrecido e maçador pedir mas, diz o ditado: «Quem não pede, Deus não ouve».

São os chefes de escritório cá da Aldeia.

Avelino na Administração do nosso Jornal e Júlio no escritório da Tipografia. Ambos se queixam de que ao fim do mês são contas e mais contas para somar e não temos uma máquina para nos tirar tanta maçada. Temos grande necessidade duma máquina assim; fazia-nos tanto jeito! Sabemos que sempre somos atendidos, por isso, muito confiantes, nós esperamos que algum dos benfeitores, tão nosos amigos, levante o dedo! Uma máquina de somar! Será verdade?

Orlando da Rocha Ferreira



Quatro amigos, quatro irmãos, quatro GAIATOS, quatro militares.

TOS, quatro militares. Ai os tem na foto que segue nesta. Ai tem: o Serafim, cheio de passar privações, curtido pelo sol e mais maduro, mais homem; o Fernando com suas barbas, menos ingénuo, um pouco criança, mas sempre óptimo rapaz; o Zé Lemos, em fato de gala, seu sorriso de boa disposição, um pouco indifferente, um pouco independente e sempre bom rapaz; eu, cada vez mais comprido e sempre com os meus problemas e dramas.

Gostava que muitos soubessem

É que nós somos bravos para uma acção de emergência, mas inertes, complicados, pouco eficazes na estabilização.

A nota que alguns deles sempre me fizeram, ao longo destes dois anos, foi a pena de não serem mais utilizados em tarefas de fomento, trabalhos de base, em que cada um colaboraria segundo a sua arte. Os «moçambicanos» por, felizmente, mais descansados de cuidados bélicos, são os que mais insistem neste reparo da

ÁFRICA

«Desta vez é mesmo. Desde o dia dez do mês passado que estou na Guiné. A viagem, assim como tudo até aqui, tem corrido bem. Sobre tudo o que me rodeia, a minha opinião é: que tudo é regular. Não tenho visto nada a que chame bom ou mau. Aparte estas considerações, aconteceu um facto do qual dou testemunho e que me encheu de prazer.

Como sabe, fiz a viagem com o Zé Lemos. Ficámos os dois em Bissau e um dia depois juntava-se-nos mais um dos nossos. O Fernando que está a bordo da F. «Nuno Tristão». Encheu-me de alegria vê-lo e mais ainda por ver nele uma satisfação muito grande que os três comungámos. «Já não me apetece tanto regressar porque vos tenho cá» — diz o Fernando. Na verdade eu sei que ele vive um pouco só. Note-lhe e capto de outros quando há referência a ele. Nós, os que fomos ou são GAIATOS, mesmo que nos entendamos com todos e tenhamos bons camaradas, temos sempre o nosso mundo à parte. Uns escarnecem-nos, outros despresam-nos, outros respeitam-nos (e não querem nada connosco) e, para nosso consolo, há os que nos procuram e confiam em nós. Por isso o Fernando ficou cheio por ter dois da cor dele. Dias depois tivemos outro brinde. Apareceu o Serafim que estava no Mato. Fundimo-nos os quatro num abraço. Foi um momento de amizade de amigos e amizade fraternal. Todos quase à uma dissemos de vós e das saudades que temos. Quatro amigos, quatro irmãos, quatro GAIATOS.

o que foi o nosso encontro.

Queríamos escrever-lhe uma carta os quatro, mas de súbito todos nos separámos. Fernando para Bolama, eu para Farim, Zé para Catioto e Serafim para Tite. Não sei agora quando nos voltaremos a encontrar.

Todos desejamos que Deus o ajude e seja feliz.

Por todos envio um grande abraço de amizade, gratidão e Saudade.

José Gomes

P. S. Um abraço para Sr. P.e Manuel, Dias, Júlio, Pinto, Avelino e para todos.

NOTA DA REDACÇÃO:

São precisamente vinte e quatro os nossos rapazes que actualmente servem a Pátria no Ultramar. Tivemo-los na Índia. Há um em Macau. Vários em Moçambique, Angola, Guiné e um marinheiro que faz escala muita vez pelo mar de Cabo Verde. Ocupamos o mundo português.

São precisamente vinte e quatro, porque o «Pataco» regressou há dias. Estão mais alguns dos da primeira hora prestes a regressar, outros se apresentam agora à recruta e, naturalmente, a maioria irá render os irmãos mais velhos que ora regressam ou estão em vésperas de regressar.

Alguns põem-me o problema de ficar. Eu digo sempre que sim e alento-os. Mas a experiência deles nem por isso os ajuda muito à decisão.

perda de uma oportunidade óptima de se rasgarem caminhos de penetração para o futuro.

A outra nota, dou-a, tal qual, pela pena de um dos nossos:

«Nas crónicas de África não deixe de fazer fogo a respeito de facilidades para os que estão na vida militar ficarem. Acredite que tenho sofrido com isto. Na verdade temos que vir para aqui e cá dá-se todo o português com alma e coração. Digo que tenho sofrido por ver alguns dos meus colegas quererem ficar, lançando-se na vida em funções de muito valor para a Província e que em tudo encontram dificuldades.

Assim quem fica? quem?»

Eu não sei de família que mais numerosos filhos tenha dado à Pátria nestas horas de provação. Com satisfação os vemos ir à chamada da Pátria. Com quanto mais alegria venceríamos a saudade de os saber lá no enraizamento da Paz.

Nota da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

trou naquele lar. Os primeiros passos para a recuperação da saúde do pequeno já foram dados.

O tratamento custa caro. Não importa. Vale muito mais, ver os pais felizes. Não queres ajudá-los?

P.e Manuel António

TOJAL

CONTINUAÇÃO — O dia 3 de Maio tornou a enriquecer a nossa Obra! Há nove anos deu-nos definitivamente (dizemos definitivamente, porque antes já o era) um Sacerdote que quis dar-se e se dá inteiramente à nossa Obra. Hoje deu-nos também um continuador que ficará, até quando Deus quiser, ao serviço da mesma Obra.

Foi um casamento simples, bonito. Manuel dos Santos e Maria da Conceição disseram aos pés do Altar que estão prontos a lutar, a sacrificar-se por um ideal que voluntariamente abraçaram. O SIM que ambos pronunciaram uniu-os num SÓ. E é neste plano de unificação que eles irão trabalhar, bastando para isso que o Amor que ambos têm pela nossa Obra se enraize cada vez mais e, sobretudo, que a Graça de Deus seja a base.

A ambos queremos nós desejar-lhes muitas felicidades e um novo lar repleto de alegria.

SELOS USADOS — Não temos nós dado notícias acerca da nossa Campanha. Não terá sido por falta de encomendas visto elas terem chegado, ainda que poucas e pequeninas. Reatamos por isso, as notícias sobre os selos usados: a Feliciano Monteiro Guedes, residente no Brasil, dizemos que todas as suas encomendas nos têm chegado e esperamos ansiosos a sua visita a Portugal. Pedimos para se não esquecer do Tojal. De «Duas Amigas de Coimbra» recebemos selos e esperamos que continuem. A «Mary» dizemos também que recebemos a sua encomenda; de Fradelos, recebemos selos de Alice Faria que promete mandar mais. Atenção a Ilhavo. Recebemos selos de José Santana, que muito agradecemos. Mais de José Barata, de Lisboa; M. Seabra d' Azevedo, também de Lisboa; da assinante 13499; Dr. António Rebordão; assinante 905; Maria Helena; José Nave Alegre; António de Almeida; Purificante 28627; Montepio Geral; Purificadora Portuguesa; outra assinante; Administração Geral dos CTT, tudo de Lisboa.

Assinante 24153 do Porto; Maria Oliveira da Fonseca, da Foz do Douro;